Apresentação do livro de Boaventura Sousa Santos "O Fórum Social Mundial - manual de uso" 9 de Maio, 2005, FNAC - Chiado, 18h30m Manuela Tavares

A leitura do livro que hoje aqui se apresenta "O Fórum Social Mundial-manual de uso" de Boaventura Sousa Santos gera em nós a emergência do debate, estimula a criação de uma consciência global e lança, de certo modo, o desafio aos movimentos sociais sobre uma mais intensa articulação de lutas e resistências a esta globalização neoliberal que hegemoniza o poder no mundo.

Trata-se de uma articulação de "alta intensidade", assim é referido, que ultrapasse o simples reconhecimento das diferenças e promova práticas contra-hegemónicas de diversos movimentos, criando "zonas de contacto", melhor dizendo zonas porosas onde os fluidos das lutas se possam misturar. O desafio ultrapassa a simples articulação das agendas. Assenta em quadros de leitura e tradução de anseios que emergem no caudal de lutas que animam o Fórum Social Mundial e que necessitam de ser mutuamente intelegíveis.

No contexto de uma sociologia das ausências, um dos processos de construção de uma alternativa epistemológica, segundo o autor, a qual procura identificar e valorizar experiências sociais existentes no mundo, coube-me nesta breve intervenção falar-vos de um actor social, que o conhecimento científico hegemónico procura ocultar e desacreditar: o movimento feminista, na sua pluralidade de pensamento e acção. E, também as articulações, ainda de baixa intensidade, entre os movimentos feministas e LGBT.

O nascimento do feminismos, enquanto movimento organizado, assumiu uma dimensão internacionalista¹. A existência de redes feministas internacionais ultrapassam em muito o quadro das Conferências das Nações Unidas da década de 1990. Podemos falar da Rede Latino-Americana de Mulheres transformando a economia, da Articulação Feminista Marcosur, da Rede Mundial de Mulheres pelos Direitos Sexuais e Reprodutivos, entre outras, e, a partir de 1998, da rede feminista

¹ Conselho Internacional das Mulheres criado em 1888 em Washington; Aliança Internacional pelo Sufrágio das Mulheres, criada em 1904; Conferência Internacional de Mulheres em Copenhaga, 1910; I Congresso feminista Internacional na Argentina, em 1920; Congressos Internacionais Feministas em Genebra, Roma, Paris nas décadas de 1920 e 1930.

mundial designada por Marcha Mundial de Mulheres², que marcou pela diversidade e criatividade das suas acções uma nova fase na luta feminista mundial.

Estas redes têm participado no Fórum Social Mundial num processo que tem gerado uma interacção dos feminismos com outros movimentos sociais através de alguma articulação de agendas. Em Portugal, pela primeira vez a interacção entre os feminismos e o movimento LGBT surgiu no contexto do Fórum Social Português através da criação da Rede Lilás, da participação na Marcha de Orgulho Gay, e, actualmente, na Coordenadora da Marcha Mundial de Mulheres em que, nas acções previstas para a chegada da Carta das Mulheres para a Humanidade a Portugal, na sua longa estafeta pelo mundo, se integrou o Dia Mundial contra a Homofobia nessas acções. Contudo, apesar dos avanços, estamos ou não, ainda numa articulação de baixa intensidade? Creio que sim. O mesmo se pode dizer da articulação com outros movimentos: ambientalista, sindical, por exemplo.

Retomando o Fórum Social Mundial. Que interacções têm sido geradas entre os feminismos e os outros movimentos sociais?

Segundo Nadia De Mond: 3"O movimento de mulheres introduziu nos fóruns sociais temas fundamentais numa perspectiva de emancipação. Não apenas uma óptica de género transversal para interpretar o mundo mas também conceitos fundamentais como a multiplicidade de sujeitos o que implica a não subordinação de uma contradição em relação à outra e a recusa de um única direcção do processo. Uma abordagem holística que integre as várias esferas da vida numa perspectiva de mudança tem sido outro dos contributos."

Embora com diferentes opiniões, as mulheres que se têm envolvido nos diversos fóruns sociais reconhecem a importância da participação feminista no sentido de:

² Em Outubro de 1998, a Federação das Mulheres do Quebec tomou a iniciativa de realizar um encontro internacional onde se fizeram representar organizações de defesa dos direitos das mulheres de todos os continentes. Estava lançado um novo processo de ligação mundial das mulheres fora do "chapéu de chuva" das Nações Unidas, com agendas políticas autónomas. As acções desenvolvidas em 159 países em torno deste projecto da Marcha Mundial de Mulheres culminaram com uma manifestação de mais de 10 mil mulheres em Nova Iorque, no dia 17 de Outubro de 2000. Uns dias antes, a 14 de Outubro, na Europa, em Bruxelas, 30 mil pessoas, na esmagadora maioria mulheres, marcharam contra a violência e a pobreza e em Portugal, no dia 7 de Outubro, realizou-se uma manifestação com características semelhantes.

Em Nova Iorque, foram entregues às Nações Unidas cinco milhões de assinaturas exigindo dos governos medidas concretas contra a pobreza e a violência sobre as mulheres.

³ Extracto de depoimento publicado no livro *Où va le mouvement altermondialization? (op.cit), p. 63. Nadia Demond é* uma das representantes da Marcha Mundial das Mulheres no Conselho Internacional dos Fóruns Sociais Mundiais.

- "Estreitar a relação entre o movimento feminista e o movimento por uma outra globalização, inscrevendo aí as nossas prioridades e fortalecendo as possibilidades de uma verdadeira transformação social". Até porque, *um outro mundo sem o feminismo é impossível*. No FSM ainda há resistências em interpretar o patriarcado como um sistema político e social que sustenta a globalização neoliberal" (Diane Matte)⁵
- "Afirmar a agenda feminista no contexto das lutas alterglobalização (...). Fazer com que o discurso feminista como um projecto global para a humanidade interaja com o conjunto do Fórum (...). Questionar padrões centralizadores e patriarcais de desenvolvimento e apresentar estratégias alternativas". 6 (Miriam Nobre e Nalu Faria)⁷
- "Criar uma relação dialéctica entre o movimento de justiça global e o movimento feminista, sendo que esta articulação não é fácil, como refere Sonia Correa ⁸ porque implica uma dupla estratégia: comprometer-se com as lutas colectivas dos movimentos sociais e ao mesmo tempo tentar transformar a sua perspectiva em relação ao feminismo". ⁹(Virginia Vargas) ¹⁰

Há ainda quem afirme que os fóruns sociais são espaços para a construção dos feminismos (Magdalena Léon T.)¹¹ ou para o seu maior crescimento e renovação (Nadia De Mond). Contudo, existem estratégias diferentes das feministas quanto à sua participação nos fóruns sociais: - as que insistem na necessidade de um espaço e de uma programação própria para as mulheres dentro do fórum¹²; as que apostam em conseguir uma maior inserção em todos os espaços dos fóruns, argumentando

⁴ ALVAREZ, Sonia E., "Um outro mundo (também feminista...) é possível: construindo espaços transnacionais e alternativas globais a partir dos movimentos", in *Estudos Feministas*, CFH/CCE/UFSC, volume 11, nº 2/2003, p. 537.

⁵ Diane Matte é canadiana e coordenadora da Marcha Mundial de Mulheres.

⁶ NOBRE, Miriam, FARIA, Nalu, "Feminismo em movimento: temas e processos organizativos da Marcha Mundial de Mulheres no Fórum Social Mundial", in *Estudos Feministas*, CFH/CCE/UFSC, volume 11, nº 2/2003, pp. 623-631.

Membros da organização brasileira SOF - Sempreviva Organização Feminista.

⁸ CORREA, Sonia, "Globalização y fundamentalismo: un paisaje de género". *Suplementp DAWN*. Documento em Web: http://dawn.org.fj/publications/docs/WSFsupport.doc., 20 Desembro 2003.

⁹ VARGAS, Virginia, CELIBERTI, Lilian, "Feministas en el Foro", in *Estudos Feministas*, CFH/CCE/UFSC, volume 11, nº 2/2003, p. 591.

Virginia Vargas é membro da Rede Articulación Feminista Marcosur que lançou nos fóruns sociais a campanha : "Contra os fundamentalismos o fundamental é a gente".

¹¹ Investigadora do Instituto de Estudos Equatorianos.

No II e III FSM em Porto Alegre um conjunto de organizações de mulheres brasileiras organizaram um plano de actividades próprio numa tenda branca a que chamaram "Planeta Fêmea", retomando uma ideia que surgiu na Eco 92, no Rio de janeiro, quando se discutia a "Agenda 21 para as Mulheres".

que actividades paralelas não são uma boa estratégia. Maria Betânia Ávila, do SOS-Corpo e da Articulação das Mulheres Brasileiras, reflectindo sobre as relações desiguais de poder que ainda existem dentro do fórum social mundial, não deixa de afirmar que "este é um espaço onde o feminismo tem um *locus* profundo para tecer alianças, (...) mas também para agir no sentido de marcar a sua contribuição para uma forma democratizada da política". 14

No primeiro Fórum Social Mundial, em 2001, 52% dos participantes eram mulheres. Mas esta presença foi pouco reflectida nas mesas dos debates. No segundo FSM, a presença foi mais marcante. As feministas conseguiram impor um painel sobre "Cultura da violência. Violência doméstica" num dos eixos temáticos principais do Fórum, para além de outros debates com mulheres convidadas de diferentes partes do mundo. Todavia, o salto mais significativo foi dado no III Fórum, também em Porto Alegre, em 2003, quando a responsabilidade da organização dos painéis de dois dos cinco eixos temáticos coube às feministas através de redes como a Marcha Mundial de Mulheres que organizou o eixo sobre "Direitos Humanos, Diversidade e Igualdade" e a Articulação Feminista Marcosur que organizou o eixo "Poder Político, Sociedade Civil e Democracia". Em Mumbai, no IV Fórum Social Mundial, em 2004, a participação das mulheres dos meios mais populares foi muito forte. O Fórum transbordou em muito o espaço das conferências. Iniciativas de mulheres, das mais diversas, nas ruas de Mumbai foram a marca de um fórum muito diferente dos outros, em termos de composição social.

Contudo, a Paridade nas grandes conferências e nos painéis de debate está muito longe de ser alcançada. Em 2003, apenas 27,8% dos conferencistas foram mulheres.

Correntes diferentes do feminismo acabam por se expressar no contexto dos fóruns sociais com interesses temáticos e de agenda diversos. "Os feminimos chegam a este processo global de forma diferente do passado. Quer dizer, não como uma identidade única, não como uma hipotética *irmandade feminista global*, (:...) nem como uma única forma de posicionamento como feministas". ¹⁵

¹³ Insere-se nesta opção a Marcha Mundial de Mulheres que desde a primeira edição do FSM em 2001, se inseriu na programação do Fórum, procurando influenciar e marcar presença na organização de debates e conferências inseridos nos eixos temáticos principais.

ALVAREZ, Sonia E., op. Cit. p. 538.
VARGAS, Virginia, CELIBERTI, Lilian, "Feministas en el Foro", in *Estudos Feministas*, CFH/CCE/UFSC, volume 11, nº 2/2003, p. 589.